



Considero a origem do meu trabalho como sendo de natureza gráfica: feito a partir do traço, quase sempre sobre papel. A cor comparece sem, contudo, caracterizar a maior parte dos desenhos como sendo pintura. Isto porque dificilmente a cor recobre toda a superfície do papel, tampouco o desenho é totalmente recoberto por ela.

Convivem, desenho e cor, por vezes em harmonia, outras em uma espécie de embate como se disputassem, entre si, o lugar (um) do outro; o traço pode ser feito em cor, ou a mancha de cor comparecer sob a forma de um desenho.

É comum pensar o desenho em preto sobre fundo branco. Assim como pensar a pintura essencialmente em manchas de cor. Ou ainda associar o trabalho gráfico à superfície do papel e a pintura à tela. O fato é que estas distinções talvez estejam associadas às técnicas tradicionais que, por longo tempo, prevaleceram nas artes plásticas.

Os movimentos de vanguarda da modernidade, do início do século passado, subverteram as categorias que definiam linguagens específicas do que seriam, por exemplo, desenho e pintura, e estes padrões não mais se apresentam.

A mancha de cor pode desempenhar a função estruturante do desenho, assim como o desenho pode se sobrepor à mancha de cor, e não apenas diretamente sobre um fundo neutro.

Os trabalhos apresentados nesta exposição, realizados entre 2016 e 2019, desenvolveram-se a partir destas considerações: transitam entre estas duas linguagens, em diferentes combinações e cruzamentos, acordos e desacordos, buscando a harmonia nessas intromissões mútuas.

São apenas algumas das infinitas possibilidades que ainda podem ser exploradas, em tempos de tão novos meios que passaram a prevalecer na nossa contemporaneidade.

Sobre o bom e velho papel, muito pode sempre ser dito.

a estufa

rua wisard 53, são paulo

12 novembro a 10 dezembro 2019